

Quanto vale a minha vida?

Um acha que as restrições devido ao corona são um exagero, o outro é doente de risco e tem receio do vírus. No «Europe Talks», tentam compreender-se mutuamente.

De **August Modersohn**



Dois à conversa sobre a pandemia: Andreas, da Alemanha (esquerda), acha que as políticas para o coronavírus são desproporcionadas; Hans, dos Países Baixos, alerta para as consequências a longo prazo da doença. © Marcus Simaitis e Aurélie Geurts para a ZEIT ONLINE

Estava à espera de um defensor de teorias da conspiração. Como o seu antigo colega e amigo que, de repente, achava que as máscaras não faziam sentido nenhum e que as agências noticiosas eram controladas por poderes obscuros. Como se pode sequer chegar a tais ideias? Hans sentiu sempre que era delicado perguntar directamente ao colega. Mas gostava de perceber.

Tratam-se por tu, logo a princípio. De um lado do ecrã, Hans, de apelido van den Bosch, 72 anos, doente de risco. Do outro lado, Andreas, de apelido Jelden, 53 anos, diz que não tem medo do vírus. Hans em Heemstede, junto a Amesterdão, nos Países Baixos; Andreas e, Bad Honnef, junto a Bona, na Alemanha. Ambos em países onde se regista um aumento dos casos de coronavírus. Em que neste momento é incerto se a pandemia está em escalada ou se pode ser travada.

«Não sou um negacionista do coronavírus», diz Andreas. Mas as restrições são simplesmente exageradas. «Cada morte é dramática, mas os danos causados pelas medidas serão ainda mais.» A economia, a cultura, as crianças, a saúde mental.

«Se não fizéssemos nada para combater o corona», diz Hans, «o impacto seria muito maior.» E ainda: «A questão reside em saber quanto vale uma vida humana». Também poderia ter dito: quanto vale a minha vida. Hans pertence ao grupo de risco, às pessoas com as quais mais devemos ter cuidado na pandemia. Andreas sente que este cuidado está a ir longe demais.

Eles são dois entre milhares de europeus que se encontraram no Domingo à tarde para conversar, participando no projecto *Europe Talks*. Neste contexto, cidadãos e cidadãs europeus encontraram-se para conversas a dois além-fronteiras. No final de um ano em que o quotidiano das pessoas no continente mudou radicalmente — e em que, como nunca antes, apresenta tantas semelhanças entre si.

A *ZEIT ONLINE* foi chamada a participar na experiência juntamente com parceiros da comunicação social de 15 países europeus, entre os quais o *Mirror* da Grã-Bretanha, o *Republik* da Suíça, a *France 24* da França ou o *De Volkskrant* dos Países Baixos. Nas suas páginas de internet, os leitores responderam às mesmas sete perguntas «Sim/Não». Um algoritmo juntou depois os participantes que revelaram opiniões particularmente divergentes.

Proteger a vida, mesmo à custa da economia? Hans disse Sim, Andreas disse Não.

Máscara obrigatória em espaços públicos? Hans disse Sim, Andreas disse Não.

Manter as escolas abertas? Hans disse Não, Andreas disse Sim.

Não concordaram em nenhuma das perguntas.

Telefonema para Hans, dois dias antes da conversa. A disseminação do vírus, disse, causa-lhe receio. Há cerca de 20 anos teve um ataque cardíaco e desde então é doente de risco, e não apenas devido à idade. A nora teve corona há mês e meio e ainda tem de lidar com o cansaço.

Antes de se aposentar, Hans era piloto da companhia aérea neerlandesa KLM. Viajou muito, viveu no Canadá quando andava na escola e também na Alemanha, pelo que conversa sem problemas em alemão. Actualmente vive com a mulher numa casa junto à água, tem um barco e um jardim. As rosas fazem-no feliz, diz ele.

Hans sabe que tem uma vida boa. Ainda assim, as restrições também o afectam. Este ano praticamente não viu os dois filhos e os netos. E sente a falta dos amigos. «Nós, os mais velhos, também gostamos de nos divertir com os amigos.»

E Andreas? Cumprimenta com um riso ao telefone. «A vida é tão triste, assim não nos resta nada.» É mecânico qualificado, mas praticamente não exerceu a sua profissão. Até recentemente, trabalhou como chefe de divisão no serviço de atendimento ao cliente de uma grande empresa alemã. Está desempregado há dois meses e meio. Foi forçado a sair da empresa, diz ele, ainda que não por causa do corona. Neste momento, está a fazer uma formação de *coach*.

Acompanha atentamente os números desde o início da pandemia. Os novos casos de infecção, a ocupação dos hospitais, a taxa de mortalidade. No *Facebook* publica regularmente as curvas, mas também citações como esta: «O medo de morrer agarra-nos à vida. O medo de morrer impede-nos de viver».

«Atirar bombas atómicas a pássaros»

Diz-me ele ao telefone: «O coronavírus é perigoso. Mas é um exagero a forma como lhe dedicamos toda a nossa atenção. É apenas um motivo entre muitos para a morte das pessoas. Se a Alemanha estivesse realmente interessada nos mortos, será que então ainda venderia álcool?»

Andreas não é um daqueles que acham que o vírus não existe. Pelo contrário: não deseja a ninguém a doença — apesar de, pessoalmente, não ter receio de ser contagiado. Mas acredita que estamos perante um enorme exagero. As medidas aplicadas pelo governo alemão são para ele como «atirar bombas atómicas a pássaros». Diz ele: «Não é proporcional se — por exagero — 80 milhões de pessoas estiverem de quarentena por terem morrido 20 000 pessoas».

Dirá o mesmo na cara de Hans? A uma pessoa que, com grande probabilidade, morreria da infecção por coronavírus?

Quando não conseguem alcançar um compromisso, fazem uma aposta



Hans foi piloto, hoje em dia está aposentado. Diz que os políticos devem tentar tudo para manter o vírus sob controlo. © Aurélie Geurts para a ZEIT ONLINE

Dois dias depois, Andreas apresenta-se na cave de sua casa. Atrás dele, uma tela branca que instalou para criar um pano de fundo neutro para o telefonema. Está pronto. Quando Hans estabelece a ligação, cumprimentam-se calorosamente. Já se tinham visto anteriormente, no teste técnico uns dias antes.

«Desde já, uma pergunta», começa Hans: «Vamos partilhar opiniões. Mas vamos discutir para convencer o outro da nossa opinião? Isso faz sentido? Não, pois não?»

Andreas mostra-se indeciso: «Não sei». Veremos. E avança para a primeira das sete perguntas. É logo a mais pesada, ou seja, se a protecção da saúde na pandemia deve ter sempre precedência.

«Todas as semanas», diz Hans, «morrem nos Países Baixos em média 400 pessoas devido ao corona. Tantas quanto as que cabem num Boeing 747-400. Se todas as semanas um avião se despenhasse, veríamos a situação totalmente com outros olhos!».

O que ele não sabia: uns dias antes Andreas também tinha utilizado a comparação com o avião no *Facebook*. Tinha partilhado um artigo do presidente da câmara de Tübingen, Boris Palmer, em que este escrevia: «Apesar de todas as vidas humanas terem o mesmo valor: faz diferença se um avião se despenhar nos Alpes com uma turma da escola ou se um idoso de 100 anos adormecer tranquilamente e, depois da morte, for documentado um teste positivo para o corona». Uma publicação que pretende dizer que a morte num acidente de avião não se equipara à morte por coronavírus.

Contudo, ao longo da conversa, começar por ir abanando apenas a cabeça. Não contesta as palavras de Hans. Hans diz: «Nada disso compensa o aumento da mortalidade. Deve manter-se a situação sob controlo e, naturalmente, garantir que os prejuízos financeiros sofridos pelo Estado são compensados por todos nós.»

Andreas é uma pessoa que gosta de falar e que, por vezes, se enfurece. Mas agora escuta atentamente. E faz perguntas: «Qual o valor dos danos que estamos a causar com as restrições? As consequências económicas? A taxa de suicídios? As consequências para os nossos netos e os nossos filhos? Para mim, as medidas na Alemanha são demasiado generalizadas».

Hans riposta: «Sim, mas quais as consequências a longo prazo da doença? Também para os jovens? Como se vão sentir estas pessoas daqui a um ano? Será que ainda se conseguem concentrar? Esse também será um grande problema no futuro».

Estão ambos bem informados. Ambos se ocupam das mesmas questões, apesar de viverem em países diferentes. E ambos se tratam com respeito mútuo. Andreas perante Hans e as suas apreensões. E Hans perante Andreas e o seu sentimento de estar perante a «morte da sociedade a prestações».

«Se fechássemos tudo radicalmente durante três a quatro semanas», diz Andreas, «então teríamos uma hipótese de travar o vírus. Mas que fazemos nós: confinamento em Março, levantamento das restrições, confinamento *light* e agora tudo a desacelerar novamente. Não somos coerentes».

É verdade, diz Hans, não é coerente. Só que: «Será que tudo se teria resolvido passadas essas três ou quatro semanas? Poderia ser como um incêndio em brasas lentas. E se essas brasas se tornarem novamente num grande incêndio? Simplesmente não sabemos».

O problema é que na Europa não temos praticamente experiência nenhuma com pandemias — esse é um ponto em que Hans e Andreas concordam. Volta e meia, durante a conversa, encontram pontos de consenso. Mais adiante, por exemplo, ao falar sobre o fecho das escolas, defendido por Hans e rejeitado por Andreas, chegam a acordo: encerramentos específicos fariam mais sentido do que o encerramento generalizado.



Andreas está a fazer uma formação de *coach*. Pensa que a política para o coronavírus na Alemanha está a ser demasiado generalizada. © Marcus Simaitis para a ZEIT ONLINE

Num momento em que não conseguem chegar a um compromisso, fazem uma aposta. Estão a falar do uso obrigatório de máscara. Para Andreas, não faz sentido nenhum: se todos tivessem máscaras FFP2 novinhas em folha, então conseguiria perceber. Mas com as máscaras comunitárias que podem ser usadas durante mais de uma semana? «Para mim tem um efeito apenas simbólico», diz ele.

Hans tem outra opinião. Acredita que a obrigatoriedade de usar máscara irá reduzir a evolução das infecções. Nos Países Baixos, as máscaras são obrigatórias em edifícios públicos desde o início de Dezembro.

«Que gostas de beber: vinho? Cerveja?», pergunta Andreas.

«Cerveja sem álcool», responde Hans.

Apostam uma garrafa.

A conversa dura uma hora e pouco e acabam por voltar à questão da protecção das vidas. Andreas fala de uma senhora de 92 anos que diz que não vai permitir que ninguém a feche em casa. «Ela já só tem meia dúzia de semanas, meses, quem sabe ainda anos, mas quer viver agora e não amanhã!». Andreas diz que esse é o seu principal desejo: mais responsabilidade individual, menos imposições. Que cada um possa decidir o risco que quer correr.

«Mas a senhora de 92 anos tem contacto com outras pessoas», diz Hans. «Ela não estará a decidir apenas a vida dela. Decide também a vida de todos os outros».

Andreas hesita por breves momentos. «Quanto a isso, não tenho contra-argumento.»

E Hans diz: «Não precisamos de contra-argumentos. Apenas de respeito».

Artigo original: <https://www.zeit.de/gesellschaft/2020-12/corona-pandemie-risikogruppe-skeptiker-debatte-europe-talks>